

3º DOMINGO NA QUARESMA

23 DE MARÇO DE 2025

LUCAS 13.1-9

1 IDEIAS BÁSICAS A PARTIR DAS LEITURAS SUGERIDAS

1.1 Salmo 85

A base desse Salmo é a Israel, que serve como pano de fundo da mensagem do Antigo Testamento, de Gênesis a Malaquias. Deus prometeu separar uma nação especial dos descendentes de Abraão e lhes dar uma terra própria.

1.2 Ezequiel 33. 7-20

Ezequiel é chamado a fazer duas coisas básicas: ele deve *ouvir* a palavra de Deus da boca do próprio Deus. Depois de ouvir o que Deus tem a dizer, Ezequiel deverá *advertir* [avisar] a casa de Israel acerca de Deus e do premente juízo.

1.3 1 Coríntios 10. 1-13

A perícope está no contexto da admoestação de Paulo contra a idolatria (o comer carne sacrificada a ídolos) e a falsa segurança (a questão de quem seria forte ou fraco). Esse inserto se constitui numa interpretação de passagens do Antigo Testamento que visa dar ênfase à argumentação de Paulo. O apóstolo entende que a experiência do povo de Israel no passado serve de exemplo e advertência às gerações atuais.

1.4 Lucas 13. 1-9

O evangelho é um convite para a conversão, a mudança de direção em nossas vidas, de modo a andar no mesmo caminho de justiça proposto pelo Messias. Jesus aproveita dois fatos trágicos (morte de várias pessoas) para chamar à conversão, isto é,

à mudança de mentalidade, à mudança de vida. Converter-se é não ser moldado pelas coisas e poderes deste mundo. (Rm 12.2)

2 BREVE ANÁLISE HISTÓRICA\HOMILÉTICA

2.1 Salmo 85

Ao mesmo tempo que o salmista agradece pela libertação realizada, ele faz um apelo ao Senhor, pedindo a salvação do povo (v.4 a 7). O autor não cai em contradição, pois a restauração da nação não foi imediata. O processo de reconstrução [conversão] levou décadas, e alguns aspectos da promessa olharam ainda mais para frente. A continuação desse processo dependia da dedicação e fidelidade do povo a Deus.

Essas promessas foram cumpridas no tempo de Moisés e Josué. Nos seus últimos discursos antes de morrer, esses líderes lembraram o povo da necessidade de continuar sendo obediente para manter posse da terra prometida e permanecer na graça de Deus (Dt 28; Js 23 e 24).

Apesar da misericórdia de Deus, o povo escolheu o caminho da desobediência, praticando a idolatria e outros pecados graves contra o Senhor. A paciência de Deus com Israel se esgotou, e o povo foi levado ao cativeiro. Nos primeiros anos depois do decreto de Ciro, os judeus que voltaram para Jerusalém enfrentaram grandes dificuldades, especialmente ameaças dos seus adversários. Em alguns dos livros citados, esses problemas foram atribuídos às circunstâncias externas e à maldade dos outros povos, mas os profetas mostraram que o verdadeiro “problema” residia nas atitudes e conduta do próprio povo (idolatria e incredulidade).

Os últimos versos são palavras de adoração a Deus, destacando os principais aspectos do seu caráter (v.8 a 13). Ele transmite uma mensagem de paz e salvação aos seus santos. **“Escutarei o que Deus, o Senhor, disser, pois falará de paz ao seu povo e aos seus santos; e que jamais caiam em insensatez”** (v.8). Esse versículo é uma condição para aqueles que ouvem o chamado do Senhor e se convertem dos seus maus caminhos.

Sem negar a aplicação inicial no tempo da composição do Salmo, não podemos ler esses versos sem pensar no cumprimento da mais importante promessa a Abraão, bênçãos para todas as famílias da terra por meio de um descendente inserido em sua linhagem (Gn 12:3). Essa promessa foi cumprida em Jesus Cristo, que trouxe a mensagem da salvação (Jo 12:47) e se tornou a paz quando se sacrificou na cruz para (re)conciliar os pecadores com Deus (Ef 2:14-16).

2.2 Ezequiel 33. 7-20

O profeta Ezequiel viveu e atuou em um dos momentos mais trágicos da história do povo de Israel: o período do exílio babilônico. Nascido numa família sacerdotal em Jerusalém, pouco antes das reformas promovidas pelo então rei Josias (622 a.C.), ele testemunha e experimenta a profecia, que sobreveio a Jerusalém, provavelmente em 598 a.C., com a invasão de Nabucodonosor, rei da Babilônia (cf. 2Rs 22 – 25).

Ezequiel foi levado à Babilônia, naquele mesmo ano, no primeiro contingente de cativos oriundos de Judá e posteriormente, instalado num assentamento de refugiados, próximo ao rio Quebar, um canal afluente do rio Eufrates, no sul da Babilônia, nas proximidades da cidade de Nipur.

O tempo do exílio na Babilônia se mostrou bem mais longo do que se imaginava inicialmente (Jr 28). A partir de uma carta do profeta Jeremias, que ainda estava em Jerusalém (Jr 29.1-23), a comunidade exilada na Babilônia constata que esse seria um período da história extremamente difícil e desafiador.

A partir do v.8, encontramos o conteúdo que deveria ser anunciado por Ezequiel e ao mesmo tempo as implicações dessa sua tarefa homilética sobre si mesmo: a condenação do perverso, por parte do Senhor, por causa do pecado e de seu caminho distante de Deus. No hebraico, há uma ênfase que literalmente diz: morrer morrerás, ou seja, certamente morrerás – Cf. Gn 2.17; Rm 6.23].

Se o profeta não advertir o povo, para se arrepender de seu caminho e de sua perversidade, então o atalaia terá de prestar contas diante de Deus e pagará com sua própria vida pela vida dos perversos e ou dos justos que viessem a ser mortos.

Deus retoma o diálogo com o seu povo por meio de Ezequiel. O povo estaria dizendo que o peso do seu pecado está sobre eles e que, por isso, estão desfalecendo

(cf. Sl 32) e assim clamam a Deus: Como, pois, viveremos? A resposta de Deus virá no v.11.

O que chama a atenção aqui é a ocorrência de dois termos bíblicos (“transgressão” e “pecado”), que juntamente com o termo “iniquidade” do v.8, formam nessa perícope a tríade do conceito veterotestamentário de pecado. O Senhor não se agrada da morte do perverso (v.11).

Diante da pergunta decisiva em relação ao juízo de Deus feita retoricamente pelo povo de Israel no v.10: Como, pois, viveremos? Deus responde de forma concreta, por meio de:

a) um juramento: Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus;

b) uma reafirmação de sua intencionalidade missionária na promessa: não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva; (justificação objetiva)

c) um apelo duplo e enfático à conversão de seu próprio povo: Convertedei-vos, converteí-vos dos vossos maus caminhos.

Se converta שׁוּב do seu caminho דִּרְךָ e viva חַיָּה. Convertedei-vos שׁוּב (šūbū) converteí-vos שׁוּבוּ (šūbū) dos vossos maus דִּרְכֵי caminhos רַע.

A intenção primeira do Senhor é que o ímpio ou descrente שׁוּבוּ שׁוּבוּ **shûwb (shoob) volte, retorne, se arrependa.** Em sentido oposto, o vocábulo pode significar dar as costas, afastar-se ou apostatar de Deus. Creio não ser essa a intenção aqui. Várias referências cruzadas sobre o tema conversão são possíveis tanto no A.T quanto no N.T. Uma delas, é o texto de Joel 2.13: “Rasguem o coração, e não as suas roupas. “Convertam-se ao Senhor, seu Deus, porque ele é bondoso e compassivo, tardio em irar-se e grande em misericórdia, e muda de ideia quanto ao mal que havia anunciado”.

O motivo da conversão é porque o אֲדֹנָי יהוה Adonai Yaweh vive e não tem prazer na morte. Contudo, apesar de haver uma ideia universalista de perdão (doutrina não bíblica) o critério continua sendo exclusivista: Jesus Cristo, o atalaia.

O Senhor é o criador, Deus da vida. Ele se alegra com aqueles que voltam para ele e vivem com ele. Ezequiel sabe que a vida vem da justiça de Deus e que a morte vem do pecado. Isso não é um processo meramente natural, mas uma questão de fé, ou seja, uma decisão de fé.

- a) Por isso, a conversão é fundamental;
- b) O Senhor quer a conversão de seu povo;
- c) E isso é, inequivocadamente, graça divina.

Não existe, em toda a Bíblia, graça que permita pecar. Quem prega diferente disso engana a si mesmo e a seus ouvintes. Deus não deseja o juízo, mas a conversão, que salva diante do juízo (cf. Jr 4; Jl 2; Jn 3 – 4; Rm 2). Trata-se, portanto, aqui neste texto, de uma questão de vida ou morte.

2.3 1 Coríntios 10. 1-13

O termo chave é PANTES (todos). Todos estiveram sob a nuvem (Ex 13.21); todos atravessaram o mar (Ex 14.21 s); todos comeram do maná (Ex 16.4,14-18); todos beberam da água da mesma rocha (Ex 17.6). [TODOS pecaram e carecem da graça e misericórdia de Deus].

A intenção parece ser a de colocar todos os israelitas no mesmo nível: todos passaram pela mesma situação, Deus assistiu-os indistintamente e mesmo assim todos pecaram e carecem da glória e graça de Deus (cf. Rm 3.23,24). Naturalmente, há uma conexão do texto da carta aos Romanos com o A.T e com a igreja inserida numa era pós cristã.

Não é obrigatório, ao longo da análise do texto, identificar ou correlacionar uma correspondência simbólica para todos os eventos que o apóstolo menciona: nuvem, mar, maná, pedra etc. Basta que se compreenda a linha mestra de sua argumentação que, em minha análise, é a seguinte: a história de Israel serve de exemplo (povo da Aliança), de advertência (convertei-vos de vossos maus caminhos) à comunidade cristã da época e a atual.

Aqui o caráter parenético se torna bem evidente: estas coisas aconteceram aos israelitas a título de exemplo e foram escritas para advertência nossa. A expectativa escatológica de um breve fim dos tempos, no v.11 (cf. 1Co 7.26,29), dá ênfase à argumentação paulina.

Vv.12 e 13: O v.12 adverte contra a falsa segurança. É oportuno lembrar a distinção de Lutero entre a *securitas* (segurança) que se apoia unicamente em si mesma e a *certitudo* (fé, certeza) que confia em algo fora de si mesma, em Deus.

Através da tentação (v.13), da provação e do sofrimento se mostrará a verdadeira natureza daquele que julga estar em pé. Na crise a pessoa se mostra como ela é de fato. Deus, porém, é fiel em meio à crise. Na verdade, a provação parte dele mesmo. Ele sabe quanto somos capazes de suportar. Ele saberá dosar o sofrimento de acordo com nossa capacidade.

2.4 Lucas 13. 1-9

Essa narrativa situa-se na caminhada de Jesus com seu grupo desde a Galileia (Lc 9,51) até Jerusalém (Lc 19,28), onde autoridades do sinédrio e da ocupação romana o condenarão à morte na cruz. Porém, a vida vencerá a morte.

O texto não informa quem são as pessoas que procuraram Jesus para falar do massacre que Pilatos promovera no pátio do templo junto ao altar, onde galileus estavam oferecendo sacrifícios. Provavelmente, é uma referência à chacina de galileus executada por Pilatos, quando estes resistiram contra o saque do tesouro do templo.

A partir do contexto podemos depreender que aquele grupo de pessoas tinha a intenção de saber a opinião de Cristo a respeito de quem havia pecado e em qual grau para tamanho “castigo”. O caso trata da mesma questão de João 9, onde os discípulos perguntam a respeito do cego de nascença: “quem pecou, ele ou os pais dele?” (Jo 9,1). Ao que Jesus responde: “nem ele, nem seus pais, mas para que nele se manifestem as obras de Deus” (Jo 9,2).

Por isso, ele logo responde que o massacre dos galileus não é por serem pecadores. É que Jesus sabia muito bem qual era a prática dos romanos diante de quem resistia à sua dominação: “Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as oprimem, e seus grandes as tiranizam” (Mc 10,42). **“Mudai de vida e produzi frutos!” (Lc 13,6-9).**

Depois do duplo chamado à mudança de vida, Jesus ainda conta uma parábola: a figueira plantada em meio a uma vinha. Tanto a vinha (Is 5,1-7) como a figueira (Jl 1,7) eram imagens do povo da aliança. Por ser um povo em aliança com o Deus da vida, sua missão no mundo é, tal como a vinha e a figueira, produzir frutos, frutos de justiça (Is 5,7) e de amor (Jo 15,1-17), em profunda comunhão com o Deus da aliança. Mas, a figueira

não produziu os frutos desejados. **O tempo “extra” solicitado por quem cuida da figueira revela a misericórdia e a longanimidade do Senhor.**

3 BIBLIAS DE ESTUDO – COMENTÁRIOS E TRADUÇÕES

3.1 Salmo 85

NAA

A salvação (sempre) está próxima daqueles que temem a Deus.

Bíblia de Jerusalém

A glória de Yaweh (Ex 24.16) que deixara o templo e a cidade santa, voltará ao templo restaurado.

ESV English Standard Version

A justiça divina é aquela que precede a paz e a felicidade. Os atributos divinos, aqui personificados, descrevem a unidade em perfeita harmonia a partir do caráter divino.

3.2 Ezequiel 33

NAA

O Senhor Deus, não tem prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva. O Senhor chama seu povo escolhido e como consequência, sua igreja à conversão. (Tema já tratado anteriormente em Ez 18. 21-31).

Bíblia de Jerusalém

O povo, desanimado, se declara esmagado pelo peso de seus pecados e incapaz de escapar a essa situação. O profeta afirma, em resposta, a possibilidade de conversão.

ESV English Standard Version

A única justiça que liberta é aquela oriunda do Senhor. Aqueles que ouvirem Yaweh terão TODOS seus pecados perdoados e viverão.

3.3 1 Coríntios 10

NAA

O apóstolo Paulo, a partir do exemplo do povo da Aliança, adverte seus leitores quanto ao ser idólatra, cobiçar coisas más e por Cristo à prova. Orgulho e tradição devem dar lugar à prudência, humildade e conversão.

Bíblia De Jerusalém

Tentar, é antes do mais, experimentar, pôr à prova, reconhecer a realidade por detrás das aparências. Deus “tenta” o homem e, embora o conheça a fundo, dá a ele a ocasião de manifestar a atitude profunda de seu coração.

ESV English Standard Version

As tentações que circundam a vida do homem tiveram medida humana. A fidelidade de Deus não permitirá que sejamos tentados acima de nossas forças. Com a tentação, Deus nos dará forças e meios para sair dela.

3.4 Lucas 13

NAA

Os judeus reservavam a palavra "pecador" para uma classe de transgressores a quem consideravam particularmente "imundos". Eles se sentiam seguros de que aqueles que executavam regularmente as suas práticas religiosas, conforme a prescrição de seus líderes, não eram pecadores e não estariam sujeitos ao juízo divino.

Bíblia De Jerusalém

Os ouvintes de Jesus, mereceram por seus próprios pecados uma sorte semelhante, isto é, sofrerão certamente se não se arrependerem e ou fizerem penitência...perecereis todos de modo semelhante (v.5b).

ESV English Standard Version

Por um lado, Jesus poderia estar sugerindo que a(s) calamidade(s) não eram necessariamente uma punição direta pelo pecado. Por outro, revela que, a despeito da graça de Deus, todos são pecadores e todos os pecadores perecerão, a menos que se arrependam.

4 CONECTORES TEOLÓGICOS\TEXTUAIS

- a)** O contexto religioso da época do apóstolo Paulo em conexão com a reedição da história vivida pelos israelitas no deserto.
- b)** A comunidade cristã em seu êxodo, em sua peregrinação pelo mundo, está sujeita às mesmas tentações que os filhos de Israel outrora.
- c)** Convém que a comunidade de hoje tenha diante dos olhos o exemplo negativo da desobediência e da infidelidade dos israelitas para não incorrer nos mesmos erros (cf. Hb 3.7-13).
- d)** A oportunidade da conversão está sujeita ao tempo da graça, que é agora.
- e)** Deus se revela um Deus longânimo, justo e pleno de misericórdia.

5 TÓPICOS PARA SERMÃO\MENSAGEM

5.1 Introdução

A partir das leituras sugeridas quero destacar a linha mestra de minha mensagem: a conversão é pré-requisito para mudança de vida. Tendo como cenário as experiências e a história do povo da Aliança, a marca identitária, em nossa visão, é de que há um constante chamado de Deus à conversão. O fato de ter uma identidade cultural, uma herança histórica (filhos de Abraão), serem escolhidos diretamente por Yaweh em nada muda a condição de pecadores. E como tal, podem estar: ou debaixo da ira ou da misericórdia de Deus.

5.2 O Fato

O **Salmista** aponta que apesar da misericórdia de Deus, o povo escolheu o caminho da (des)obediência. Inúmeros pecados foram cometidos contra a vontade de Deus. O resultado da desobediência: cativeiro. A leitura da **epístola** está em íntima conexão com o A.T. A interpretação tipológica em 1Co 10.1ss consiste no fato de Paulo descrever a situação da sua época, como sendo uma espécie de **reedição** daquela vivida pelos israelitas no deserto.

A comunidade cristã em seu êxodo pelo mundo, está sujeita às mesmas tentações de Israel no passado. Convém que a comunidade de hoje tenha diante dos olhos o exemplo negativo da desobediência e da infidelidade dos israelitas para não incorrer nos mesmos erros (cf. Hb 3.7-13).

O **evangelho** de Lucas traz a resposta de Cristo frente ao questionamento de um grupo de pessoas sobre a questão do pecado e da punição: o Mestre é claro. “Digo a vocês que não eram; se, porém, não se arrependerem, todos vocês também perecerão”. O verbo é **μετανοέω (arrepender-se, mudar de vida)**. A advertência está expressa duplamente (v.3 e 5). O caráter da conversão está, mesmo que indiretamente, presente no discurso\prática de Jesus.

5.3 O Texto

O profeta Ezequiel se encontra em meio ao cativeiro babilônico. O povo reconhece a dimensão do seu pecado e assim clamam a Deus: *Como, pois viveremos?* Deus declara (v.11) que não tem prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Ao mesmo tempo um duplo apelo: *Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos* (v.11). (Possível traçar um paralelo com Jr 25. 5-7 e Mc 1.15: “Convertei-vos e credes no evangelho”)

5.4 Conclusão

A conversão é uma tarefa exclusiva de Cristo em e por meio do Evangelho. Contudo prescinde do caráter da Lei para promover sincera contrição e arrependimento. Mesmo que seu passado tenha sido sombrio, seu presente esteja envolvido pelas incertezas e desesperança, e o futuro parece completamente incerto, Deus reafirma seu amor pelo pecador (convertido) e sua longanimidade durante o tempo da graça.

6 ESBOÇO\SUGESTÃO DE SERMÃO

6.1 Por que razão o pecador deve converter-se?

a) *Porque ele se encontra na direção errada* (Is 53.6)

Por causa do pecado podemos nos “perder” nesse mundo;

O pecado nos desvia da vontade divina;

A conversão nos traz de volta ao caminho certo.

b) *Em sua graça, Deus o chama de volta* (Ez 33.11; 18.31,32; Jl 2.12,13)

Deus nos chama com amor e compaixão;

Sua vontade é que nos voltemos para Ele;

O convite à conversão, durante o tempo da graça, está sempre presente, independentemente do nosso passado.

c) *Pois as consequências do pecado são terríveis* (Sl 7.12,13)

6.2 De que modo o pecador deve converter-se?

a) Cada um, individualmente (Ez 18.20)

A conversão é uma escolha pessoal, personalizada;

Absolutamente ninguém pode fazê-lo por nós.

b) Sem hesitação ou dúvida(s) (Lc 13. 6-9)

A conversão não permite procrastinação.

c) Conversão não é apenas mudança de vida, mas transformação

(1 Ts 1.9)

A conversão não é uma mudança superficial;

Pressupõe uma transformação profunda em nosso coração e mente.

6.3 O resultado da conversão:

a) Descanso e paz no coração a partir da promessa de Cristo (Mt 11.28-30)

A paz do mundo x a paz de Deus em Cristo.

b) Vida no lugar da morte (Ez 18.21-23)

A conversão nos livra da morte espiritual, física e da condenação eterna e nos dá vida eterna em Cristo.

c) Uma nova criatura (2 Co 5.17)

d) Preparação para a volta do Senhor (Mt 25.10)

A conversão nos prepara para o iminente e memorável Dia do Senhor.

Rev. Elton Fischer

Nairobi/Quênia